

UM CASO CLÍNICO À LUZ DE DUAS INTERPRETAÇÕES DA PSICOSE EM PSICANÁLISE: DE FREUD A LACAN, DE FERENCZI A WINNICOTT

Eduardo Zaidhaft^{*} 

Monah Winograd^{**} 

RESUMO

São múltiplas as abordagens teórico-técnicas existentes na psicanálise. Nessa heterogeneidade de perspectivas, nem sempre é fácil decidir com quais delas o psicanalista seguirá em seu pensamento. Este trabalho joga um pouco com esta pluralidade ou transmatricialidade a partir de algumas questões suscitadas pela psicose. Para tanto, apresentaremos um caso clínico que engendra duas maneiras diferentes de se compreender a mesma história, de modo que o interpretaremos à luz de dois sistemas teóricos, um de matriz freudo-lacaniana e outro sustentado sobre o pensamento ferenczo-winnicottiano. Não procuramos hierarquizar essas alternativas de interpretação, tampouco formular a maneira como elas devem ser utilizadas no *setting*, deixando ao leitor fazer esse trabalho, se for o caso, e fornecendo apenas alguma matéria-prima para isso.

Palavras-chave: psicose; Freud; Lacan; Ferenczi; Winnicott

* Psicólogo e Psicanalista. Professor do curso de Medicina da Estácio de Sá - IDOMED/Vista Carioca. Doutor em Psicologia Clínica - PSI/PUC-Rio. Mestre em Saúde Coletiva - IMS/UERJ. Residência em Saúde Mental - IPUB/UFRJ. Especialista em Psicanálise e Contemporaneidade - CCE/PUC-Rio. Membro Provisório da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - SBPRJ/IPA. E-mail: eduardozaidhaft@gmail.com

** Doutora em Teoria Psicanalítica – UFRJ. Professora Associada do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Coordenadora do Laboratório de Humanidades Digitais/ @labhdpucRio. Coordenadora do Laboratório de Estudos Avançados em Psicanálise e Subjetividade/ @lapsu_pucRio. Membro Efetivo da Associação Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. E-mail: monahwinograd@icloud.com

A CLINICAL CASE IN THE LIGHT OF TWO INTERPRETATIONS OF PSYCHOSIS IN PSYCHOANALYSIS: FROM FREUD TO LACAN, FROM FERENCZI TO WINNICOTT

ABSTRACT

There are multiple theoretical-technical approaches within psychoanalysis. Within this heterogeneity of perspectives, it is not always easy for the psychoanalyst to decide which ones to follow in their thinking. This work plays with this plurality or trans-matrical nature by raising certain questions related to psychosis. To achieve this, we will present a clinical case that generates two diverse ways of understanding the same story. We will interpret this case according to two theoretical systems: one rooted in the Freudian-Lacanian framework and the other based on Ferenczi-Winnicott's thought. Our intention is not to rank these interpretative alternatives, nor to prescribe how they should be employed in the therapeutic setting. We leave this task to the reader, while providing some raw material for consideration.

Keywords: psychosis; Freud; Lacan; Ferenczi; Winnicott

UN CAS CLINIQUE À LA LUMIÈRE DE DEUX INTERPRÉTATIONS DE LA PSYCHOSE EN PSYCHANALYSE : DE FREUD À LACAN, DE FERENCZI À WINNICOTT

RÉSUMÉ

Il existe plusieurs approches théorico-techniques en psychanalyse. Au sein de cette hétérogénéité de perspectives, il n'est pas toujours facile pour le psychanalyste de décider lesquelles suivre dans sa réflexion. Ce travail joue avec cette pluralité ou cette nature trans-matricielle en soulevant certaines questions liées à la psychose. Pour ce faire, nous présenterons un cas clinique qui génère deux manières différentes de comprendre la même histoire. Nous interpréterons ce cas en utilisant deux systèmes théoriques : l'un enraciné dans le cadre freudo-lacanian et l'autre basé sur la pensée de Ferenczi-Winnicott. Notre intention n'est pas de hiérarchiser ces alternatives interprétatives, ni de prescrire comment elles doivent être employées dans le cadre thérapeutique. Nous laissons cette tâche au lecteur, tout en fournissant quelques éléments bruts à considérer.

Mots-clés: psychose; Freud; Lacan; Ferenczi; Winnicott.

INTRODUÇÃO

As abordagens teóricas existentes na psicanálise são múltiplas e, nessa heterogeneidade de perspectivas, nem sempre é fácil decidir a quais delas o psicanalista dará as mãos. Este trabalho tenciona jogar um pouco com esta pluralidade por meio de algumas questões apresentadas pelo estudo da psicose. Para isso, apresentaremos um caso clínico acompanhado de duas maneiras diferentes de se compreender a mesma história, ou seja, o interpretaremos à luz de dois sistemas teóricos da psicanálise, o de matriz freudo-lacaniana e o sustentado sobre o pensamento ferenczo-winnicottiano. Essas vinculações em duplas de autores não são ao acaso: enquanto a referência que Lacan faz de Freud é direta, uma vez que é constante em seus próprios textos e seminários, não merecendo, por isso, justificativas adicionais, a associação de Winnicott a Ferenczi, embora seja na maior parte implícita em sua própria obra, é explicitada por uma série de comentadores, como é o caso de Figueiredo (2002), Lejarraga (2008), Mezan (2014) e Medeiros e Peixoto Junior (2016, 2020).

Basear-nos-emos em um relato clínico e formularemos as interpretações primeiramente a partir dos textos seminais de Freud e da leitura que Lacan fez deles. Em seguida, apresentaremos a perspectiva do pensamento de Ferenczi e Winnicott. Com essa apresentação, queremos incentivar o debate e a colaboração teórico-clínicos a partir da verificação de convergências, divergências, compatibilidades e incompatibilidades entre as assim chamadas correntes da psicanálise na intenção de combater demagogias e segregacionismos. Não privilegiaremos nenhuma das alternativas de interpretação aqui expostas, deixando ao leitor esse trabalho, caso ao final ainda acredite ser necessário fazê-lo. Contudo, excetuaremos as referências à técnica propriamente dita proposta por cada uma das duas abordagens, pois o objeto de investigação será não tanto a maneira como o entendimento da psicose tem desdobramentos na clínica quanto as premissas teórico-conceituais que, assim como embasam, são também inferidas a partir da técnica. Isto é, nosso objetivo é sobretudo contrastar as matrizes interpretativas e não descrever a maneira como utilizam as interpretações no *setting*.

Desse modo, dentre as questões que fogem ao escopo do trabalho, mas que estimulamos o leitor a se perguntar, destacam-se as seguintes:

em que medida as duas matrizes interpretativas sobre o caso de L são complementares? Em que medida são incompatíveis? Em que são convergentes e em que são divergentes? Quais são os desdobramentos técnicos que cada uma das interpretações gera?

O CASO

L nasceu em maio de 1968, filha de uma mulher pertencente, pelo lado materno, a uma importante família da classe militar de um grande centro urbano. Seu pai, também militar, até onde se sabe não pertence a uma família igualmente notável, mas que, devido à grande influência desse contexto, que preza pela ordem, também traz consigo os valores tradicionais da sociedade. Também tem dois irmãos, um mais velho e outro mais novo, ambos com carreiras bem sucedidas em órgãos das forças armadas. Desde muito cedo entrou em contato com valores da família tradicional brasileira, como ordem, respeito, recato e disciplina.

L conta que, em sua família, a criação dada a meninos e meninas é bem distinta, com os homens encaminhados à carreira militar e as mulheres, às tarefas domésticas. Alguns de seus relatos versam sobre como quem tem família não precisa de amigos, denotando implicitamente o perigo de conhecer quem não faz parte dela. Dessa maneira, ao falar sobre sua infância, sobressai o modo como parece ter mantido pouquíssimo contato com pessoas que não estivessem relacionadas ao seu meio familiar, tendo interagido quase que exclusivamente com seus irmãos, primos ou primas. Essa reclusão se evidencia não somente por isso, mas também pela existência de casamentos consanguíneos entre seus parentes, o que leva L a compreendê-los até como positivos, pois “assegurariam a linhagem” (*sic*). Dados reais de sua história, ou criação de uma mente fantástica, tais temas, versando sobre seu nível social e sobre como os outros representam uma ameaça à sociedade, mantêm-se muito frequentes em sua fala. Nesse sentido, se sua família se mostrava fechada ao longo de seu desenvolvimento, o sentimento de solidão que posteriormente veio a sentir atingiu um outro grau.

Na história de vida de L, suas viagens durante a infância revelam-se como um microcosmo das origens de sua subjetividade. Frequentemente,

viajava para a casa de praia da família somente com sua mãe, irmãos e primos, pois seu pai muitas vezes permanecia na capital para trabalhar. Não era incomum que nessas viagens ela e sua mãe fossem as únicas mulheres, o que a deixava muito curiosa acerca do que os meninos faziam e com quem se encontravam ao saírem à noite para o centro da cidade, ao que ela chamava de “coisas de menino”. Em outras viagens, já com a família de seu pai no interior do país, conta também sobre a presença de outras primas, em especial J, cuja idade era a mesma de L. Ela relata, com frequência, ao se referir a essa prima por parte de pai, que esta a convidou para uma orgia lésbica quando tinha apenas quatro anos de idade. Posteriormente, em sua vida adulta, desenvolveu um delírio de ciúmes em que ela era sua perseguidora. Nessas viagens da infância, ao anoitecer, J organizava com outros primos um esquema de “cabaninhas” (sic) montadas no extenso gramado da propriedade. L, assim como na casa de praia, ficava muito curiosa a respeito do que eles por tantas horas faziam juntos nessas cabanas; afirma nunca ter tido a coragem de entrar, mas suspeita do que se tratava.

Aos doze anos de idade, em uma viagem com a família de seu pai no interior do país, L relata que se permitiu desejar um beijo de um primo seu, R, que hoje ela considera um vagabundo por somente ter conseguido entrar na polícia. Essa situação, ainda que tenha algo de incestuoso, poderia ter sido o início da paulatina descoberta da sexualidade característica da adolescência, mas acabou por se tornar um ponto fundamental no desenvolvimento de sua psicose. Diante do seu pedido para que R lhe mostrasse uma revista pornográfica que ela sabia que ele tinha escondido, este, sem negá-lo ou acatá-lo, pôs seu pênis para fora da calça. Por fim, tal evento representaria em muito o modo em que daí por diante se lançou libidinalmente ao mundo, mantendo-se a todo instante apaixonada, porém sempre rejeitando o plano sexual *stricto sensu*. Essa referência subliminar a temas do erótico acabaria se tornando central em sua vida adulta, tanto aqueles oriundos de questões referentes à sua identidade de gênero, como aqueles que emergem dos conflitos relativos à sua orientação sexual.

Um ano após a frustração sofrida com R e após ver um filme em que objetos ganhavam vida, escreveu um projeto para a criação de um aparelho com a finalidade de fazer os ônibus falarem, juntamente com

a instalação de câmeras de segurança neles. Essas ideias, inicialmente parecidas com uma mera fantasia infantil advinda do contato com uma ficção cinematográfica, se desdobrou em uma manifestação nitidamente psicótica, com teor paranoide. Em decorrência da intuição de que seu projeto com os ônibus teria como finalidade auxiliar confidencialmente a polícia na busca por criminosos, L entrou em um estado confusional entre a realidade e a fantasia, recusando-se a sair de seu quarto para as atividades diárias. Em decorrência desse quadro, as notas de L na escola começaram a ser muito abaixo das médias anteriores. Foi neste contexto, com a justificativa inicial dada por sua família de que a deixariam mais inteligente, que começou a tomar medicações psiquiátricas. No entanto, as razões eram outras. Teve uma melhora parcial dos sintomas mais exuberantes e retornou à escola.

Dois anos após o primeiro surto e essa relativa estabilização do quadro, em seu baile de debutantes, causou constrangimento à família apresentando um quadro de cegueira psicogênica, ocasionada logo após ver uma amiga acompanhada de uma outra mulher que lhe era desconhecida. O capítulo subsequente da evolução de seu quadro é marcado por L como próximo ao seu aniversário de dezoito anos. Foi nessa época que L por fim conheceu aquele que se tornaria o principal sujeito perseguidor de sua paranoia: o policial C. Sua história conta que seu primeiro encontro se deu em uma ida à delegacia a fim de denunciar um indivíduo, caracterizado como maconheiro, e considerado perigoso por L por bater em seus irmãos. Ela afirmava ter provas dos crimes desse homem devido à relação que tinha com uma colega que o conhecia. Por isso, desejava que ele fosse investigado, ou, em um possível ato falho cometido durante uma de nossas sessões, “para que fosse investido” (*sic*).

Ao ouvir esse relato, o policial C, que coletava dados para o boletim de ocorrência, não tardou em notar as distorções do discurso que ouvia, o que o levou a chamar a mãe de L para perguntar-lhe se ela fazia tratamento psiquiátrico, ao que foi respondido que sim. Uma vez recusada sua reivindicação à polícia e com L e sua mãe de volta ao lar, L intuiu que seu irmão mais novo, por ser membro do exército e portanto ter conhecimento do projeto, também teria instalado o aparelho em seu quarto. De acordo com L, esse irmão – que hoje a chama de

“imbecilzinha” – teria feito isso com o intuito de observá-la e descobrir como ela poderia ser dotada de tamanha inteligência ao ponto de ter tido acesso ao paradeiro do maconheiro que supostamente o ameaçava.

No entanto, mesmo sem motivo aparente, o policial C continuou povoando a fantasia de L, levando-a às mais equivocadas intuições passionais. Nesse sentido, desenvolveu a ideia de que a esposa dele, após momentos ruins do casamento por conta do amor que ele sentia por L, havia tido um surto psicótico de querer matar a todos com uma faca, o que os levou ao divórcio. Contudo, a paixão de L continuou não realizada. Por meio do aparelho, começou a crer que suas vizinhas de baixo, possivelmente lésbicas, estavam fazendo orgias com C, que em seguida, teria começado a se relacionar com sua prima J e, por fim, com uma funcionária do lugar em que trabalhava. Daí por diante, seu delírio, centralizado no aparelho e nessas relações persecutórias de cunho sexual com C, começou a agir como uma malha que se alastra sobre a grande maioria das interpretações que faz na vida.

Em meio ao delírio erotomaníaco com C e ao uso do aparelho imaginário, L começou a cada vez mais se ensimesmar em seu quarto, passando dias comunicando-se somente através de sua invenção. Diante de tamanho sofrimento, algumas internações psiquiátricas se mostraram necessárias, que deixaram L muito traumatizada com essas terríveis experiências. Por conta disso, ao iniciar o tratamento com o terapeuta, primeiro autor deste artigo, começou a desenvolver a ideia de que seus pais estavam armando um complô contra ela para interná-la novamente. Não podia suportar a indagação sobre o que faziam à noite quando iam dormir, ou o que pediram ao terapeuta quando fizeram o primeiro contato; não conseguia suportar a angústia de não estar lá para saber o que planejavam para ela – será que descobriu usando seu aparelho?

L é uma pessoa difícil de conviver no dia a dia; de alguma maneira, seu delírio tão envolto por questões referentes à polícia e ao sexual entranhou-se em sua personalidade, que de orgulhosa e rígida veio também a ser acrescida de uma forte característica acusatória – uma espécie de “policiadora” dos comportamentos alheios. Sua personalidade é, por assim dizer, xereta, intrusiva, com a qual nem é sempre fácil de lidar, mas que representa um instigante desafio terapêutico a ser conciliado

com o restante do quadro. Hoje, L se mostra bastante autônoma e tem um ambicioso e bem-sucedido empreendimento como corretora de planos de saúde. Nesse sentido, à exceção de momentos críticos em seu contexto de vida, como casamentos de seu irmão e de parentes próximos, mantém-se bastante estável dentro daquilo que é possível para ela. Suas interpretações de cunho persecutório se mostram menos graves, não se aplicando mais tanto a medos característicos de uma total aniquilação, mas persistindo em pequenos temas da vida cotidiana, como o modo de se portar das demais pessoas, que para ela muitas vezes representam uma ameaça a si e à sociedade como um todo. Na realidade, muitas dessas ameaças decorrem de questões relativas a aspectos sexuais, como ocorre no exemplo das críticas excessivas às saias das mulheres com quem convive, vestimentas dotadas por ela de uma carga emocional fora do comum. L não gosta que a chamem de “mulher”, pois entende que esse termo se aplica somente às mulheres casadas não virgens; por isso, refere-se a si mesma como uma “moça” – nem menina, nem mulher. Assim, é possível inferir dessas dificuldades em relação ao sexual que provavelmente, ao longo de seu desenvolvimento, não pôde identificar-se plenamente enquanto mulher madura. Nesse sentido, ainda que já tenha tido relações sexuais, L permanece virgem, como costuma dizer.

INTERPRETAÇÕES FREUDO-LACANIANAS

O ato de fundação da teorização psicanalítica acerca da psicose se deu, até onde sabemos, com a análise de Sigmund Freud (2010b) do livro *Memórias de um doente dos nervos*, de Daniel-Paul Schreber (1984). Freud sempre teve uma clínica quase que restrita ao campo das neuroses, compreendendo que as psicoses – que chamava de *neuroses narcísicas* – eram inanalísáveis devido à impossibilidade de investirem em um objeto e, portanto, de transferirem suas relações passadas à figura atual do analista (Freud, 2010a, 2018). De todo modo, ao longo de sua grande produção teórica, Freud não se absteve da tentativa de procurar entender qual mecanismo de defesa análogo ao recalçamento está em jogo no caso das psicoses, o que levou Jacques Lacan (1988, 1998), algumas décadas mais tarde, a conceituar a foraclusão¹.

A história de Schreber (1984) é longa, pelo que não cabe aqui descrever seus pormenores. Em resumo, sua enfermidade se desencadeou a partir de uma nomeação que recebeu para assumir um importante cargo jurídico. Diante das angústias de alguém a exercer uma função de poder, Schreber foi acometido por uma ideia estranha: “deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito” (p. 45), pensou ele. De uma mera preocupação suscitada por um sentimento de impotência, logo se seguiram fenômenos notadamente psicóticos. Por achar essa ideia tão estranha, para fazê-lo pensar algo tão alheio, a única explicação plausível para Schreber era de que advinha de “influências exteriores que estavam em jogo” (p. 45). Nos meses subsequentes, sua condição psicótica somente se agravou, o que o impossibilitou de continuar trabalhando. De início, acreditava que seu antigo psiquiatra queria transformá-lo em mulher por interesses nefastos; mas, após algum tempo, o objeto perseguidor da paranoia virou Deus, que, a partir da transformação de Schreber em uma mulher, propagaria uma nova espécie de homens pela Terra.

Baseada nesse relato autobiográfico, uma interpretação psicopatológica possível suporia uma vontade megalomaniaca em Schreber, que só desejou a emasculação por ser um meio para que se tornasse o redentor da humanidade, instaurando a beatitude no mundo. Contudo, Freud (2010b) inverte essas proposições; de fato, compreende que mesmo essas modalidades tão bizarras de pensamento se fundam em um dos mais comuns impulsos da mente humana, isto é, na sexualidade. Assim, a interpretação que faz acerca de Schreber é a de que este portava impulsos homossexuais suprimidos de uma maneira tão mais cindida do que ocorre no recalamento neurótico, que seu retorno só poderia se manifestar “desde fora”, mediante alucinações e delírios. Nesse sentido, ao construir o delírio de que por interesses divinos deve se tornar mulher, Schreber cancela a percepção consciente de seu próprio desejo homossexual, de modo que este retorna, a partir de fora, sob a figura de Deus.

Embora Freud (2010b) inicialmente entenda que a formação sintomática da paranoia seja marcada pelo mecanismo da projeção, de sorte que “Uma percepção interna é suprimida e, em substituição, seu conteúdo vem à consciência, após sofrer certa deformação como percepção de fora” (p. 88), o autor finda sua argumentação sobre o

mecanismo da paranoia afirmando que “Não foi correto dizer que a sensação interiormente suprimida é projetada para fora; vemos, isto sim, que aquilo interiormente cancelado retorna a partir de fora” (p. 95). Esta formulação fica mais clara na elaboração feita por Freud (2011a) treze anos após a escrita do caso Schreber, quando formula que, no mecanismo próprio da neurose, “uma porção da realidade é evitada mediante a fuga” (p. 217), enquanto na psicose o que se verifica é “uma ativa fase de remodelação” (p. 218), de tal maneira que “a neurose não nega a realidade, apenas não quer saber dela” (p. 218), enquanto “a psicose a nega e busca substituí-la” (p. 218).

Lacan (1988), embora endosse em termos amplos a interpretação freudiana, não se dá por satisfeito com ela. Radicalizando a ideia de que a meta pulsional é a descarga sexual, mais do que uma megalomania, Lacan entende que não se trata de uma representação atual cujo simbolismo é insuportável à consciência – no caso de Schreber, o desejo homossexual –, mas sim de que houve antes na história do sujeito uma falha na própria possibilidade de uma inscrição simbólica das representações sexuais (Tenório, 2008). O psicanalista francês retoma a formulação de Freud de que o papel “de fora” do sintoma paranoico equivale à ideia de que aquilo que é abolido simbolicamente retorna no real.

Nesse sentido, dá prosseguimento à teorização de Freud de que na psicose ocorre outro mecanismo de defesa que não o recalçamento, mas análogo a este. Dessa forma, a partir do vocabulário jurídico francês, Lacan postula que uma boa palavra para tal fenômeno seria *foraclusão*, termo empregado para situações nas quais algum elemento do processo jurídico é apresentado intempestivamente, após ter sido vencido seu prazo de inclusão (Quinet, 2009). Na teoria de Lacan (1988), para o caso do desenvolvimento da psicose, tal esquema ocorreria em relação ao complexo de Édipo, que, diferentemente da neurose, não teria como resultado a ameaça de castração realizada pela interdição do falo e o consequente recalque do desejo incestuoso, mas sim a *foraclusão* do significante Nome-do-pai, que organiza e dialetiza a relação triádica edípica. Portanto, seguindo as ideias de Freud, Lacan entende que Schreber não é convocado a transformar-se em mulher para ser redentor, mas sim ser redentor é a consequência da necessidade de se emascular, a qual,

por sua vez, decorre da impossibilidade de representar metaforicamente o papel fálico a ele delegado quando nomeado presidente de um tribunal. Lacan entende que esse papel “de fora” do falo e da triangulação edípica como um todo é o motivo pelo qual não ocorre a partilha dos sexos na psicose e direciona o psicótico a uma empuxo-à-mulher, assim como é também a causa do estrangeirismo implícito nas características dos delírios e alucinações.

Uma abordagem exclusivamente baseada na interpretação de Freud (2010b) acerca de Schreber não teria que ir muito longe para constatar em L um desejo homossexual recalcado, haja vista as constantes repreensões à sexualidade das outras mulheres e a recorrência do tema do lesbianismo. Essa repreensão seria oriunda, originalmente, da ameaça de seduzir e de ser seduzida, que, devido a seus mecanismos psicóticos, teria que, então, ser abolida internamente e então retornando desde fora a partir da realidade, como foi o caso do amor do policial C por ela ou da perseguição que a prima J lhe impingia. O aparelho, por sua vez, complexifica as interpretações acerca de que ordem é o desejo recalcado, mas, de qualquer modo, também seria oriundo do mesmo mecanismo de cancelar um elemento interno mediante uma substituição da realidade externa, o que nos remete ao delírio de Schreber. Isto é, ao passo que Schreber alocava na figura de Deus sua homossexualidade recalcada, L projetaria, segundo o “desde fora” da psicose, seus desejos sexuais inconscientes no aparelho e seus operadores.

Segundo Freud, Schreber invertia as proposições: dizia que deveria se emascular para instaurar a beatitude no mundo, mas, na realidade, queria ser o redentor da humanidade para projetar em Deus o desejo de se emascular (Tenório, 2008). Aplicando esse pensamento ao delírio de L, o aparelho não serviria para observar os bandidos e ajudar a polícia; mas sim para ajudar a polícia de forma que ela própria pudesse observar os bandidos e ser por eles observada. Nesse sentido, entendo que ela teria um desejo escopofílico recalcado, mas talvez também exibicionista, uma vez que seu irmão teria instalado o aparelho em seu quarto para protegê-la. De qualquer forma, seria um conteúdo insuportável para sua consciência, mas que se revela ao terapeuta, por exemplo, pela curiosidade sobre o que os meninos faziam com a prima J à noite nas “cabininhas”; ou, quando saíam à noite para a cidade,

o que faziam e com quem; ou quando pediu ao primo R que lhe mostrasse a “revista de mulher pelada”, assim como pela insuportável angústia de não saber o que seus pais faziam quando sozinhos no quarto.

Se optarmos por seguir os passos de Freud e supusermos como premissa que há na paranoia necessariamente um desejo homossexual abolido internamente que causa a substituição da realidade por outra – o delírio –, entenderíamos que L amava ver as mulheres, a exemplo de J nas cabanas, da revista pornográfica para meninos, e o que estes faziam quando saíam à noite com as mulheres, assim como o interesse pelas roupas sedutoras destas. Pela distorção, o mecanismo da paranoia converteria um “eu, uma mulher, amo vê-las” em um “eu, uma mulher, os odeio porque eles ficam me vendo”, de tal forma que L inverteria, em um delírio de perseguição, o predicado e o afeto. Simultaneamente, inverteria também, como em uma erotomania, o objeto, no sentido de que a ideia “eu, uma mulher, amo vê-las” (J, as mulheres da revista, as suas roupas, ou com quem seus primos se encontravam à noite na cidade) se converte em “eu, uma mulher, amo vê-lo, porque ele ama me ver” (os policiais, em especial C, e seu irmão, que a vigiavam por meio do aparelho, para sua proteção).

Assim, é possível dizer que ela teria formado um delírio de que vive em uma espécie de panóptico, cujo olho permite que ela saiba/veja tudo, mas que também sobre ela reflete sua visão. Conscientemente, essa conjectura teria para ela a função de promover a disciplina que introjetou; mas, inconscientemente, teria a função de projetar em um outro – no caso, na polícia – os motivos de seu voyeurismo-exibicionismo dirigido às mulheres.

Contudo, essa compreensão prévia à segunda tópica freudiana mantém o recalque como o principal mecanismo de defesa em ação na psicose, o que não pareceu correto para o que muitos psicanalistas posteriormente entenderam, ou seja, que a psicose decorre de falhas antecedentes ao desfecho do complexo de Édipo, que inviabilizam a inclusão do recalque como principal mecanismo de defesa no processo de constituição psíquica. Nesse sentido, uma vez que a situação edípica se mantém foracuída, impedindo a simbolização da presença-ausência da mãe, a entrada no sexual-genital é impossibilitada. Uma vez que o Nome-do-Pai está foracuído, sendo ele incluído no Outro – a princípio a mãe

–, a partilha sexual não se constitui enquanto tal. Portanto, Lacan (1988, 1998) conclui, a partir de Freud e Schreber, que a psicose representa uma falha no efeito metafórico do falo, o que me leva a considerar que a constituição paranoica de L também representa uma falha na inscrição da partilha sexual. Dessa maneira, a partir da análise de seu delírio, é possível constatar elementos que corroboram essa tendência da psicose a não distinguir os sexos, ou de se assumir enquanto ambos.

Por um lado, a paranoia de L, sobretudo erotomaníaca, a coloca como objeto das intenções masculinas, seja crendo que os policiais a amam, seja pensando que seu irmão instalou o aparelho em seu quarto para protegê-la. Por outro, a criação do aparelho de auxílio à polícia na busca por bandidos representa uma identificação dela própria com o masculino, ou seja, uma busca por fundar uma filiação e um elo com o pai como portador da lei, pois, desse modo, poderia exercer o papel de militar tão importante para a virilidade dos homens de sua família. Essa interpretação parece acompanhar a ambiguidade presente na configuração familiar de L, em que são os homens os representantes da autoridade e da lei, ao passo que é pela herança da família materna, em que um antepassado recente exerceu importante papel político e militar, que faz L se considerar de uma linhagem superior à de seus primos por parte de pai.

Nesse sentido, o delírio do aparelho teria o papel de reconstituir uma relação com o Outro que não foi simbolizada, de maneira que, implicitamente, em sua estruturação “o sujeito permaneceu em uma posição de objeto de desejo da mãe, em uma posição de servir ao gozo do Outro” (Laureano & Celani, 2010, p. 81), que é exemplificada pelo papel de objeto que o delírio do aparelho tanto explicita como busca superar, na medida em que, em um primeiro momento, é L que o utilizaria para observar – aproximando-a do masculino – mas que, por fim, acaba sendo um instrumento em que é ela mesma observada e objeto de gozo do Outro, mas “um Outro absoluto ao qual o sujeito está submetido”, como diz Quinet (2009, p. 17). Esta interpretação, que ecoa a formulação de que “A paranoia é a expressão de uma fixação narcísica e também a luta contra essa fixação” (Coriat & Pisani, 2001, p. 56), acompanha o que Freud (2011b) afirma ao dizer que “o delírio é como um remendo colocado onde originalmente surgira uma fissura na relação do Eu com o

mundo exterior” (p. 180). Cabe dizer que, enquanto um remendo para a constituição para a metáfora paterna, a ligação com o masculino do delírio do aparelho facilmente se esgarça e se torna perseguição.

INTERPRETAÇÕES FERENCZO-WINNICOTIANAS

A obra de Sándor Ferenczi, ainda que de início estritamente freudiana, revela-se como inovadora dentro do meio em que se apresentou. Tendo tido um papel por muito tempo obscurecido na história do movimento psicanalítico, hoje esse autor húngaro é identificado como um importante pioneiro na ênfase aos fatores ambientais, traumáticos, relacionais, contratransferenciais, afetivos e corporais – elementos fundamentais na clínica psicanalítica contemporânea. Distinguindo-se de grande parte dos analistas de seu tempo e de hoje, não tinha como expectativa que o método psicanalítico perdurasse enquanto técnica definitiva no tratamento psicológico, pois entendia que, se algo melhor viesse a substituí-la, não haveria por que não o fazer. Nesse sentido, pela clara oposição ao dogmatismo do saber e da técnica psicanalítica, é possível considerá-lo antes um psicoterapeuta do que um psicanalista, além de uma potente força contra as amarras da ortodoxia.

Para construir sua teoria sobre o trauma, Ferenczi retornou à teoria da sedução de Freud, em que um acontecimento externo real estava na base do adoecimento. Ou seja, para Ferenczi, o trauma é sempre decorrente da ação de algum objeto externo – em geral, um adulto invasor –, mas só se efetiva em um segundo momento, chamado de desmentido ou descrédito. Em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (2011a), Ferenczi aborda como o movimento psicanalítico havia deixado em segundo plano a importância dos fatores traumáticos na compreensão da origem das perturbações mentais. Nesse sentido, busca compreender de que modo a comunicação tem fundamental importância no desenvolvimento subjetivo, mas atribuindo à linguagem não um caráter representacional-gramatical, como é possível ver em Lacan, mas sim uma qualidade intensivo-afetiva. Para o autor, o trauma decorreria, justamente como o título deixa inferir, do confronto de uma linguagem da ternura própria da criança com a linguagem da paixão própria do adulto. Isso

significa dizer que o trauma patogênico não é meramente intrapsíquico ou fantasístico, mas sim decorrente dos fatores acidentais, sempre dados em um viés relacional.

A criança, mesmo que por vezes desempenhe um papel erótico em suas atividades lúdicas, não tem a mesma língua daqueles que já atingiram a maturidade sexual. Ferenczi (2011a) entende, então, que o trauma representa uma invasão sofrida pela criança cujo amor objetual-passivo é correspondido pelo ambiente com uma linguagem diferente da que ela necessita.

Essa formulação é endossada, mesmo que implicitamente, por Winnicott (2000c), para quem o sujeito, para um desenvolvimento emocional primitivo saudável, depende de uma série de adaptações por parte do ambiente. Ambos os autores consideram, de maneira bastante semelhante, que as falhas de adaptação do ambiente às necessidades do sujeito são constitutivas, precursoras da aquisição do sentido de realidade, mas que, quando excedidas as capacidades do psicossoma em lidar com as ansiedades geradas por ocasião dessas falhas, pode-se gerar uma cisão da personalidade, de cunho patológico, que Winnicott (1983) tratou em termos de verdadeiro e falso *self*. Esta cisão, contudo, como entende Ferenczi (2011b), depende de um segundo elemento, o qual ele denomina como desmentido, que é perpassado pelo processo de identificação com o agressor.

Para o psicanalista húngaro, identificar-se com o agressor na situação traumática é tentar manter um vínculo afetivo, ainda que passivo, com o ambiente. Essa identificação ansiogênica muitas vezes vai comprometer a formação do superego, fazendo com que este se constitua como um superego excessivamente severo, por vezes aniquilador (Pinheiro, 1995). Nesse processo, a suposição é de que o adulto se sente culpado, mas nega sua própria culpa e a criança, ao identificar-se com o agressor, introjeta também a culpa que é proveniente daquele que age de forma passional, invasiva e agressiva (Gondar, 2017). A criança se identifica com o agressor como uma estratégia de sobrevivência, pois ele não pode ser deixado de lado, já que é o adulto idealizado do qual depende (Lejarraga, 2008).

Assim, no momento do desmentido, a criança está buscando a confirmação da ocorrência do evento traumático, mas o adulto nega

a existência do ocorrido, reforçando a identificação da criança com o agressor. A confiança se esvai, a criança não confia mais em si e nem nos outros, pois sabe que alguma coisa aconteceu; procura alguém para contar sobre o acontecido, esperando que ele possa admitir que algo realmente aconteceu, e encontra o desmentido. A partir daí, um paradoxo emerge: nada aconteceu, sou inocente e algo aconteceu, sou culpada. É diante de paradoxos tóxicos como esses (Figueiredo, 2012) que se forma uma cisão da personalidade, entre uma parte que amadurece precocemente – que Winnicott denominou falso *self* – e outra que permanece ocultada e empobrecida – o verdadeiro *self*.

Assim, em decorrência do desmentido, a criança passa a viver um sentimento de solidão insuportável e um sentimento de desamparo (Ferenczi, 2011a, 2011b) provenientes de uma falha por parte dos adultos ao qual o *self* busca se adaptar, introjetando a culpa. Eles não foram capazes, em um primeiro momento, de modular sua linguagem da paixão; e, em um segundo momento, não foram capazes de reconhecer a dimensão invasiva da sua passionalidade sobre a ternura infantil. Em seu *Diário Clínico*, Ferenczi (1990) escreveu sobre as consequências desses sentimentos:

[...] segue-se que uma solidão realmente total e absoluta, em que não existe sequer a esperança de ser compreendido e ajudado pelo mundo exterior, é insuportável. Mas o que significa exatamente esse ‘insuportável’? Sem dúvida, não é outra coisa senão continuar a viver deformando a realidade dessa existência interior (psíquica) ou exterior. (p. 239)

Essa cisão da personalidade, aventada pela confusão de línguas e pelo desmentido, parece ser frutífera para a interpretação do caso de L. Seguindo uma linha de pensamento ferenczo-winnicottiana, um bom início para se pensar as origens da psicose de L é indagar o que de sua constituição pré-edíptica a impossibilitou de aderir à sexualidade genital.

Nesse sentido, alguns indícios de sua história dão margem ao entendimento de que, durante a infância, nunca teve a oportunidade de lidar com a sexualidade infantil como uma criança saudável. Por exemplo, aquilo a que deu o nome de “orgia lésbica” na situação com J, quando tinha quatro anos, provavelmente não se tratava de uma relação homossexual adulta, mas simplesmente de uma brincadeira infantil, em que de fato há um

componente homossexual, mas que em princípio é terno, e não passional, e que somente a partir de julgamentos impositivos de pessoas mais velhas ganhou esse caráter claramente traumático. Talvez, mas menos provável, é que o mesmo tenha acontecido na situação com o primo R, tão marcante para o desencadeamento de sua psicose. Portanto, é possível pensar que a origem da imaturidade sexual de L decorre de uma confusão de línguas, que a fez ser tratada como adulta enquanto era, de fato, criança. O que era terno, o que era curioso, tornou-se erotizado precocemente devido às imposições de um meio incapaz de atender às demandas da espontaneidade infantil. É possível considerar que isso impossibilitou o desenvolvimento cadenciado da sexualidade e lhe trouxe graves consequências a respeito da integração do falso-*self* ao verdadeiro-*self* (Winnicott, 1983).

Podemos ainda entender que outro momento da vida de L exemplifica essa confusão de línguas: a cegueira conversiva histeriforme em seu baile de debutantes. Esse momento, que marca a história de muitas meninas de nossa cultura, é um ritual da entrada na vida adulta e, portanto, um símbolo da entrada na sexualidade genital feminina. Esse baile fala de crescimento e transformações no corpo e no papel social, de se assumir crescida e de a cultura enxergá-la como crescida; mas parece que L não podia se ver assim, pois não era realmente assim. Ao que parece, de um ponto de vista da teoria do amadurecimento, ainda que sua idade cronológica fosse de quinze anos, sua frágil constituição egoica não detinha os mesmos recursos que a maioria das meninas de sua idade. A solução que encontrou, então, foi estar lá, mas sem estar, assim como fez com o aparelho.

Provavelmente, as meninas, lésbicas ou não, cuja imagem deflagraram o quadro, foram uma espécie de rota de fuga para explicar a forte ansiedade que devia sentir naquele momento. L, assim, furou seus olhos e se introverteu; em um gesto de defesa, foi em direção ao que estava dentro dela, pois aquilo que o mundo lhe cobrava o mundo não lhe dava, desmentindo suas experiências e demandas. Sem a possibilidade de se sustentar enquanto mulher adulta, trancou-se naquele momento nos confins do autoerotismo. De fato, ainda era uma menina, procurando ser tratada como tal, pois somente depois disso poderia ascender à vida adulta.

No contexto de vida de L, ao mesmo tempo em que existe em sua família um repressor interdito sexual por meio de palavras como ordem e

castidade, as práticas endogâmicas não são incomuns, chegando às vezes a serem estimuladas por “manterem a linhagem”. Concepções como essas representam um traço de indiferenciação entre os parentes, isto é, de uma tendência a se colarem e se misturarem sem que haja possibilidade de atenderem às singularidades; buscam o já conhecido, o igual, e assim diminuem a ameaça de serem separados em suas diversidades, como é o caso da própria L – ao mesmo tempo hostilizada e hostilizadora da diferença, tanto “imbecilzinha” como “policiadora” dos comportamentos alheios. Por outro lado, geralmente, o estímulo a relacionamentos endogâmicos já se revela como algo no mínimo polêmico hoje, se não mesmo proscrito biológica e moralmente.

Portanto, nessa conjuntura, podemos inferir que a paranoia de L não decorreu somente da cola entre os parentes, mas também de um desmentido gerador de cisões, no qual a relação sexual com os parentes é apresentada como negativa, como tabu, mas também positiva e vista com bons olhos. Outro ponto que chama a atenção, e que provavelmente pode nos ajudar a compreender por que L não conseguiu ingressar no sexual como a maioria de nós o faz, são suas viagens de família durante a infância e a juventude, nas quais permanecia somente com sua mãe, enquanto seu pai trabalhava na capital. Pelo que se pode extrair de seus diálogos, podemos inferir como o peso de descender da família de sua mãe é um fator central na forma em que se subjetivou, o que muitas vezes até obscurece sua herança paterna. Por conta dessa cola em relação à história daquela que exerceu sua função materna, é possível compreender que as falhas ambientais sofridas por ela são anteriores à entrada no complexo de Édipo, pois o objeto a exercer a função de continente nunca esteve ali, nunca permitiu que um terceiro – na realidade um segundo – formasse uma triangulação.

Assim, é possível se considerar que o sujeito/objeto da função materna e L mantiveram-se indiferenciados, fator que impossibilitou o amparo ao frágil ego da filha. Indissociado, esse objeto primário representou um perigo tão grande para seu ego que mal pôde ser percebido como um outro, pois este sempre precisou ser anulado na medida em que a atacava, em vez de sustentá-la na função de ego auxiliar. Para Winnicott (2000a), “no narcisismo primário, o ambiente sustenta o indivíduo, e o indivíduo *ao mesmo tempo* nada sabe sobre ambiente algum – e é uno

com ele” (p. 380), de tal modo que, em uma posição simbiótica, anular o objeto externo é anular o objeto interno, e consequentemente também é destruir a possibilidade do *self* formar-se, no sentido de haver algo que lhe é particular. Portanto, uma vez que a boa formação do ego depende da existência de um fluxo narcísico estruturante, que permita a passagem gradual entre a ilusão de onipotência infantil e a desilusão desta, L não foi capaz de tratar o objeto externo enquanto tal, o que a impossibilitou de ingressar na situação edípica e, consequentemente, de individuar-se e então lidar com a sexualidade genital.

Dessa forma, é possível inferir que a subjetividade de L foi cindida em duas posições antagônicas. Por um lado, sofria do trauma decorrente da interrupção da espontaneidade infantil, pois tinha de lidar com uma erotização de qualidade adulta. No polo oposto, indissociada do objeto primário, este logo se tornou um objeto perseguidor, que não somente lhe cobrou severamente agir como adulta, como também lhe impôs uma posição simbiótica. É uma neném ou é uma mulher? Em um paradoxo tóxico em que uma proposição se sobrepôs à outra, o que sobrou a L foi ser moça – maneira criativa que descobriu de precariamente integrar essa amarga contradição em sua vida. A cegueira em seu baile de debutante, a questão relativa à sua identidade sexual de mulher (na verdade, de moça), e, sobretudo, a erotomania e o funcionamento do aparelho, de algum modo não somente condensam, mas também dão um tipo de solução a todo esse antagonismo. Desse modo, a ênfase não recai em L se trancafiar no quarto para ter o aparelho como veículo para o delírio, mas sim no uso do delírio como veículo com o qual pôde dar passos para fora de sua simbiose, lugar onde esteve por tanto tempo trancada a sós. Essas experiências, ainda que sofregamente paranoicas, forneceram a L a possibilidade de estruturar-se na vida, permitindo que ela a testasse na segurança do seu mundo interno, para então dirigir-se para fora de sua prisão.

Sob essa linha de raciocínio, as constantes referências de L ao sexual-genital são uma forma de referência falsa, encobridora das falhas na realidade narcísicas. Nesse sentido, poderíamos dizer que se trata de uma tentativa do ego de L de se organizar em torno de um falso *self*, cuja repreensão ao verdadeiro *self* não se fez de forma absoluta, tampouco de forma integrada.

CONSIDERAÇÕES PESSOAIS SOBRE O CASO

Seja pelo caminho freudo-lacaniano, seja pelo ferenczo-winnicottiano, é possível perceber que o delírio de L a leva a suturar algo que faltou – mesmo que se considere que o que faltou é uma experiência de falta. Enquanto o primeiro eixo interpretativo aponta para uma falha na partilha sexual, o segundo enfatiza uma falha na heterologia entre a sexualidade infantil e adulta. Em ambos os casos, se entende o sintoma como uma tentativa de se relacionar com algo que esteve alienado dela – seja o efeito metafórico do falo, seja a afirmação do desprazer causado pelo trauma –, embora seja esse movimento de tentativa de cura aquilo que paradoxalmente a leva à alienação mental própria de uma psicose.

Em meio ao seu delírio, L pôde relacionar-se com o sexual sem que fosse invadida por ele; pôde sentir como se alguém estivesse apaixonada por ela, fantasiar sobre como seriam suas experiências eróticas e com quem elas seriam; tudo isso de uma maneira suportável ao seu Eu. Se nunca se sentiu amada quando criança, pois o objeto lhe faltava enquanto tal e seus substitutos lhe eram negados, encontrou no sintoma psicótico uma forma de compensar as falhas de seu narcisismo. O aparelho, por sua vez, também lhe permitiu cavar no mundo alguma forma de expressão subjetiva, mas sobretudo de identificação com os objetos. Portanto, não parece que a criação do aparelho de auxílio à polícia na busca por bandidos representa uma tentativa de atingir o sexual de forma velada, mas sim que ele é uma possibilidade de identificar-se de forma imaginária com a vida militar e de ela estar no mundo sem sentir-se invadida. Com seus delírios, ela pode, então, ser militar sem realmente sê-lo; ser amada, sem realmente sê-lo.

Durante uma época de sua vida, L se manteve materialmente reclusa em seu quarto, porém tendo, por meio da fantasia de seu aparelho, um precário meio de comunicação com o outro. Enquanto em uma perspectiva meramente sintomatológica se entenderia que o aparelho é a origem do desligamento de L em relação ao mundo, o grande legado teórico-clínico que Freud (2010b, 2011a, 2011b), acatado tanto por Lacan (1988, 1998), como por Ferenczi (2011a, 2011b) e Winnicott

(1983, 2000a, 2000b, 2000c), nos proporciona a partir da análise de Schreber (1984) é que sua formação delirante, facilmente moralizada como algo a ser extirpado do sujeito, é, de fato, a tentativa de ele reconstruir um mundo devastado pela enorme dificuldade de ligação aos objetos.

REFERÊNCIAS

- Coriat, A., & Pisani, C. (2001). Um caso de S. Freud: Schreber ou a paranoia. In J.-D. Nasio (Dir., coleção *Désir*), *Os grandes casos de psicose* (1ª ed., pp. 41-64). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/J.-D.-Nasio-Os-Grandes-Casos-de-Psicose.pdf>
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1932)
- Ferenczi, S. (2011a). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Obras Completas* (Vol. IV, pp. 111-121). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1933)
- Ferenczi, S. (2011b). Reflexões sobre o trauma. In S. Ferenczi, *Obras Completas* (Vol. IV, pp. 125-135). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1934)
- Figueiredo, L. C. (2002). A tradição ferencziana de Donald Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(4), 909-927. <https://www.alsf-chile.org/Indepsi/Articulos/Ferenczi-Autores/A-Tradicao-Ferencziana-de-Donald-Winnicott.pdf>
- Figueiredo, L. C. (2012). Três teses sobre o paradoxo em psicanálise. In L. C. Figueiredo, *As diversas faces do cuidar: Novos ensaios de psicanálise contemporânea* (pp. 51-69). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (2010a). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (2010b). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*dementia paranoides*) relatado em autobiografia (“o caso Schreber”). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 10, pp. 13-107). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1911)
- Freud, S. (2011a). A perda da realidade na neurose e na psicose. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 214-221). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1924)
- Freud, S. (2011b). Neurose e psicose. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 176-183). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1924)

- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 19, pp. 274-326). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1937)
- Gondar, J. (2017). O desmentido e a zona cinzenta. In E. S. Reis, & J. Gondar, *Com Ferenczi: Clínica, subjetivação, política* (pp. 89-100). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário original proferido em 1955-1956).
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1957-1958).
- Laureano, M. M. M., & Celani, P. G. (2010). Da forclusão do nome-do-Pai: A leitura lacaniana de Schreber. *Universitas: Ciências da Saúde*, 8(1), 79-109. <https://doi.org/10.5102/ucs.v8i1.1065>
- Lejarraga, A. L. (2008). Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. *Natureza Humana*, 10(2), 115-147. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000200005
- Medeiros, E. C., & Peixoto Junior, C. A. (2016). O manejo clínico de “casos difíceis”: Herança e atualidade de Sándor Ferenczi nas abordagens de Winnicott e Balint. *Revista Subjetividades*, 16(2), 46-59. <https://doi.org/10.5020/23590777.16.2.46-59>
- Medeiros, E., & Peixoto Junior, C. A. (2020). O trauma em Ferenczi e seus desdobramentos nas obras de Balint e Winnicott: Regressões em análise e seu manejo clínico. *Tempo Psicanalítico*, 52(1), 271-298. <https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/375>
- Mezan, R. (2014). Paradigmas e matrizes clínicas. In R. Mezan, *O tronco e os ramos: Estudos de história da psicanálise* (pp. 56-88). São Paulo: Companhia das Letras.
- Pinheiro, T. (1995). *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ.
- Quinet, A. (2009). *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Schreber, D. P. (1984). *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Graal. (Obra original publicada em 1905)
- Tenório, F. (2008). *O caso Schreber, de Freud a Lacan*. (Obra não publicada, utilizada como material didático pelo autor em suas aulas na PUC-Rio)

- Winnicott, D. W. (1983). Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso *self*. In D. W. Winnicott, *O Ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1960) <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/WINNICOTT-O-Ambiente-e-os-Processos-de-Maturacao.pdf>
- Winnicott, D. W. (2000a). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 374-392). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1954)
- Winnicott, D. W. (2000b). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1945)
- Winnicott, D. W. (2000c). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 316-331). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1951)

Submetido em: 08/10/2023

Revisado em: 05/2026

Aceito em: 28/02/2026

NOTAS

- ¹ A forclusão proposta por Lacan é uma conceituação do termo *Verwerfung* presente no texto freudiano, e com o qual o francês procurou explorar o mecanismo distintivo da psicose em relação à neurose, cujo mecanismo seria a *Verdrängung*, traduzida por repressão, recalque ou recalçamento.